

## Crônica como dispositivo dialógico-mediacional em processos de formação profissional e pesquisa-intervenção<sup>1</sup>

Gleicimar Gonçalves Cunha<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-7396-8563>

Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira<sup>3</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-6089-3379>

### Resumo

Neste artigo, objetivou-se apresentar uma reflexão teórico-metodológica, inspirada na Psicologia Cultural, sobre o uso da crônica como dispositivo de mediação em processos de formação profissional e pesquisa-intervenção. Como ilustração, foram incorporados fragmentos de transcrições de material áudio gravado e crônicas, ambas construídas em uma pesquisa-intervenção com agentes socioeducativos de uma Unidade de Internação do Distrito Federal. Notaram-se cinco funções associadas às crônicas: recuperar a memória do grupo; apontar questionamentos favoráveis à revisão e ampliação de recursos subjetivos; agregar conhecimentos teóricos e competências analíticas; valorizar posicionamentos divergentes oportunos à revisão das crenças e relações do grupo; e elucidar aspectos implícitos da comunicação.

*Palavras-chave:* Narrativas. Formação Profissional. Mediação. Dispositivo. Posicionamento.

### Chronicle as a dialogical-mediational device in professional training and intervention-research processes

### Abstract

This article aims to present a theoretical-methodological reflection, inspired by Cultural Psychology, on the use of the chronicle as a mediation tool in professional training and intervention-research. As an illustration, excerpts from transcriptions of audio-recorded material and chronicles, produced in an intervention-research with socio-educational agents at a Youth Detention Center in the Federal District, are included. Five functions of the chronicles were noted: recovering group memory; raising questions for revising and expanding subjective resources; adding theoretical knowledge and analytical skills; valuing divergent viewpoints; and clarifying implicit aspects of communication.

*Keywords:* Narratives. Professional Qualification. Mediation. Device. Positioning.

<sup>1</sup> A pesquisa-intervenção da qual foram extraídos fragmentos de transcrição e crônicas utilizados neste artigo para ilustrar as reflexões teórico-metodológicas sobre o uso da crônica contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

<sup>2</sup> Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília: gleicipsi@gmail.com.

<sup>3</sup> Universidade de Brasília, Brasília: mcsloliveira@gmail.com.

---

### Considerações iniciais<sup>4</sup>

Alinhando-se às chamadas abordagens dialógicas em Psicologia, a Psicologia Cultural semiótica concebe que a ação humana é mediada por signos construídos com base em pistas socioculturais, conforme enfatiza Valsiner (2018). Essas duas características, a saber, a mediação semiótica da atividade e o seu caráter dialógico, estão presentes na pesquisa em ciências humanas<sup>5</sup> e nas dinâmicas de formação profissional continuada. Portanto, nessa perspectiva, a pesquisa consiste em um processo dialógico, no âmbito do qual os participantes (pesquisador e demais sujeitos) são mutuamente afetados pelas ações realizadas. O mesmo ocorre em processos de formação profissional, em particular aqueles nos quais todos os envolvidos são engajados na construção e participam ativamente, como agentes de seu próprio processo de desenvolvimento. Em ambos os processos (de pesquisa e formação profissional), os participantes falam, escutam, compreendem, enfim, comunicam-se a partir de signos, confirmando-os, modificando-os e construindo-os, dialética e dialogicamente, no decorrer das provocações ensejadas e proporcionadas pelos métodos adotados.

Partindo do princípio de que toda intervenção realizada com o outro e/ou sobre a realidade resulta na produção de saberes, tanto a pesquisa quanto iniciativas de formação profissional são, segundo a perspectiva semiótico-cultural, processos de produção de conhecimento atravessados pela vida (Valsiner, 2018). Essa ideia, na direção do que defende Volóchinov (2018), corresponde a assumir que pesquisa e formação são motores para produções textuais endereçadas ao outro, pois todo conhecimento precisa ser reconhecido para fazer sentido para quem o produz e/ou se relaciona com ele.

Em coerência com a visão de que o sujeito é participante e coconstrutor das intervenções que realiza, no âmbito da formação e da pesquisa, neste artigo será abordada a utilização da crônica como dispositivo narrativo mediacional, conforme também considera Pichon-Rivière (2009).

Na teoria literária, a crônica é definida como um gênero textual narrativo peculiar, entre o jornalismo e a literatura, que retrata eventos na ordem lógica de sua ocorrência, mas sem o

---

<sup>4</sup> Este trabalho é fruto de tese de doutorado.

<sup>5</sup> A opção pela expressão Ciências Humanas e não Ciências Sociais fundamenta-se na natureza social do homem, como enfatiza Bakhtin (2017), em *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*.

compromisso de ser uma descrição factual ou neutra, já que reflete a perspectiva subjetiva do cronista. Considera-se um bom cronista aquele que consegue captar impressões, ideias ou visões da realidade sob uma ótica distinta da maioria dos que compartilham com ele a mesma realidade e que, por meio da crônica, converte a cotidianidade em algo digno de interesse e atenção (Moraes, 2022).

Estima-se que o valor metodológico do uso de crônicas pode ser analisado segundo, pelo menos, duas dimensões: 1) a dimensão intrínseca, que se refere à própria elaboração de crônicas pelo pesquisador, como efeito da assunção de uma perspectiva narrativa, interpretativa e analítica que perpassa todo o processo de intervenção, qualquer que seja seu fim. Nesta dimensão, a crônica medeia a relação do pesquisador com suas crenças e perspectivas implícitas e dele com a realidade investigada; e 2) a dimensão extrínseca, em que o registro subjetivo da intervenção, na forma de crônicas, serve como dispositivo dialógico-mediacional para mobilizar a reflexão e a ação dos participantes na direção visada pela própria intervenção. O foco privilegiado neste artigo incide na segunda dimensão e compreende justamente o caráter narrativo e mediacional das crônicas em processos de pesquisa e formação profissional.

No âmbito da psicologia social, a produção de crônicas integra a proposta teórico-metodológica de grupo operativo (Pichon-Rivière, 2009), na qual, além de ser um dispositivo privilegiado de promoção de aprendizagem, o grupo operativo é também uma ferramenta de intervenção e estudo. Sendo assim, a crônica consiste em uma narrativa dos acontecimentos verbais e não verbais de cada encontro do grupo constituído em torno de alguma finalidade compartilhada (tarefa grupal). Na proposta seminal de Pichon-Rivière (2009), a crônica é um texto construído pelo coordenador e observador do grupo a partir dos registros feitos ao longo de cada encontro, devendo ser lida na sessão subsequente a que se refere. Nela devem ser retratados os temas privilegiados pelo grupo, com atenção especial aos aspectos incompreendidos e/ou que provocaram incômodo.

As crônicas são um dispositivo de organização de significados construídos no intercâmbio de processos comunicativos. Nos contextos de pesquisa e de formação continuada, a produção de crônicas pelo pesquisador segue o entendimento de Volóchinov (2018), para quem a comunicação compreende um processo interativo que suplanta a mera transmissão de informações. Segundo o autor, o sujeito, ao falar ou escrever, impregna em seu texto marcas profundas de suas experiências, seus grupos sociais, sua sociedade, além de pressuposições

sobre o que o interlocutor gostaria, ou não, de ouvir ou ler, tendo em vista também seu contexto social e, mesmo, os objetivos por ele visados com a ação.

Ao configurar um registro singular e subjetivo de um campo de experiência complexo, compartilhado intersubjetivamente, a crônica é marcada pela polissemia e pela multivocalidade. Em outras palavras, a crônica contém várias ofertas de significado, que serão acolhidas ou rejeitadas pelo leitor tendo em conta suas próprias perspectivas sobre a cena e sobre o autor. Assim, é possível supor que o uso da crônica contribui para subverter a assimetria e as diferenças de poder que, tradicionalmente, distanciam os envolvidos na pesquisa e em processos de formação continuada no âmbito profissional, pois sua construção se dá a partir da alteridade e da dialogia dos contextos de investigação e/ou formação.

Com efeito, os conceitos de dialogismo e alteridade, conforme propõe Bakhtin (2011) em suas elaborações sobre a pesquisa em ciências humanas, contribuíram com a proposição de outras formas de compreensão da cultura e da subjetividade. Assim, no lugar de investigações “sobre” o sujeito, viu-se crescer pesquisas “com” o outro. Do mesmo modo, no lugar de instruir o outro, ganharam relevo processos de coconstrução de conhecimentos, de revisão mútua de concepções, valores, crenças e posicionamentos.

Volóchinov (2018) tece considerações sobre o papel e a função dos livros que, na perspectiva das autoras deste artigo, se aplicam também às crônicas. Segundo o autor, o livro é redigido para ser apreendido ativamente, ou seja, comentado e analisado no âmbito do discurso interior do leitor. Como ato de fala, ele segue a orientação de intervenções anteriores sobre esferas de atividades/assuntos contíguos aos retratados de forma escrita. Assim como um livro, as crônicas podem ser concebidas como narrativas descritivo-analíticas de encontros grupais, cujos participantes estão comprometidos com processos de mudança, seja essa de caráter acadêmico, ou de outra natureza.

Metodologicamente, desde uma perspectiva dialógica, as crônicas podem integrar a discussão ideológica do grupo. Elas ajudam a responder questões, refutar ou confirmar ideias, antecipar respostas e oposições potenciais, apoiar ou reprovar posicionamentos, instigar reflexões. Para ilustrar essas análises teórico-metodológicas, serão utilizados fragmentos de transcrições de material áudio gravado e crônicas construídas no âmbito de uma pesquisa-intervenção (Cunha, 2021), com profissionais da socioeducação. Por essa razão, a seguir, serão tecidas algumas observações sobre o trabalho desses profissionais.

---

### Observações sobre o trabalho do agente socioeducativo

O sistema de garantia de direitos preconizado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que sejam aplicadas ao adolescente que cometeu ato infracional medidas socioeducativas, visando responsabilizá-lo pelo ato cometido, integrá-lo socialmente como sujeito de direitos individuais e sociais e sancioná-lo pelas consequências lesivas de condutas análogas ao delito (Brasil, 2012).

No sistema socioeducativo, todos os profissionais que lidam com adolescentes em cumprimento de medida são concebidos como educadores sociais, sejam eles: assistente social, pedagogo, psicólogo, professor, enfermeiro, gestor do sistema ou agente socioeducativo. Como enfatiza Costa (2006, p. 45), “nesse trabalho de criação de espaços educativos, todos os que atuam na unidade de internação (pessoal dirigente, técnico e operacional) são educadores. É essa condição que, independentemente da função específica de cada um, deve articular e orientar a todos”.

Teixeira, Mezêncio e Fuchs (2015), entretanto, indicam que há uma dicotomia entre os profissionais do quadro técnico (sobretudo psicólogos, assistentes sociais, pedagogos e enfermeiros) e os não técnicos (agentes socioeducativos), a despeito de a formação profissional desses últimos, em muitos casos, ser nas mesmas áreas que a dos primeiros. Segundo o estudo por eles realizado, aos técnicos compete planejar ações, enquanto aos agentes socioeducativos compete executar atividades e ações planejadas com pouca, ou nenhuma, colaboração deles. O alijamento do processo de concepção, construção e revisão da socioeducação torna o agente socioeducativo vulnerável a cisões e contradições entre sua ação e seu discurso e entre o discurso institucional (trabalho prescrito) e sua prática (trabalho vivo).

Além disso, existem inúmeros desafios associados à tarefa socioeducativa, dentre os quais: ausência de um *corpus* teórico consistente capaz de orientar e sustentar as práticas (Yokoy; Lopes de Oliveira, 2018); textos normativos carregados de concepções teórico-filosóficas distintas e desarticuladas das ações empreendidas (Bonatto; Fonseca, 2020; Eyng; Ramos, 2020); carência de cursos interdisciplinares para os diversos profissionais que atuam na área (Santibanez, 2016); condições precárias de trabalho (Abreo, 2017). A despeito desses entraves, é importante que o agente socioeducativo seja capaz de identificar as contradições das atribuições a ele conferidas (tarefas de cunho pedagógico-educativo e outras de segurança e

vigilância, as quais envolvem propósitos e metodologias potencialmente contraditórios). Também deve reconhecer os direitos humanos como a base para as relações sociais, de modo que suas ações transcendam a função sancionatória da medida estabelecida judicialmente.

Admite-se, em contrapartida, que o trabalho humano é um sistema complexo de atividades e significados. Ele não compreende uma entidade preexistente que aguarda uma identificação, tradução e representação pela linguagem. De modo diverso, o trabalho precisa ser construído por meio da contínua mediação dos recursos subjetivos que o próprio trabalhador dispõe por dispositivos culturais, técnicos, científicos e filosóficos atinentes à natureza e aos objetivos laborais, em meio a processos dialógicos intencionais, conforme buscou defender Cunha (2021) em sua tese de doutorado.

Por conseguinte, para além dos aspectos filosóficos, conceituais, legais e técnicos inerentes ao trabalho, geralmente privilegiados em cursos de formação profissional, a pesquisa-intervenção (tomada como ilustração da reflexão teórico-metodológica pretendida neste artigo) esteve comprometida com a promoção do desenvolvimento dos participantes, o que envolveu a mobilização e a valorização dos recursos subjetivos de cada profissional. Visou-se compreender como o conhecimento se converte em material para novos posicionamentos subjetivos perante o trabalho.

Sendo assim, embora a crônica seja o objeto de reflexão deste artigo, a seguir serão tecidas algumas considerações sobre o método de pesquisa adotado para construção dos indicadores empíricos que foram tomados como exemplo das considerações teórico-metodológicas apresentadas a respeito da crônica como dispositivo de mediação.

## **Método**

### **Pesquisa-intervenção: uma experiência dialógica com agentes socioeducativos**

Diferente do que designam as expressões pesquisa-ação e pesquisa-participante, que se aplicam a modalidades específicas de pesquisa qualitativa, em relação à pesquisa-intervenção “reconhece-se que todo dispositivo de pesquisa transforma o que se deseja pesquisar, ou seja, nenhuma pesquisa deixa de ser também uma intervenção” (Castro, 2008, p. 29).

As considerações metodológicas de Thiollent (2020) indicam que a pesquisa-ação e a pesquisa-participante referenciam-se em epistemologias positivistas, segundo as quais compete

ao pesquisador, ainda que este possa contar com a colaboração dos sujeitos do estudo, explicitar e interpretar o que se revela incompreensível em relação ao fenômeno investigado, o qual é tomado como algo externo a ele. A pesquisa-intervenção subverte esse pressuposto filosófico, concebendo como sujeito de pesquisa tanto o pesquisador, quanto o participante da pesquisa e admitindo que a realidade estudada é coconstruída, de modo dinâmico, dialógico e (inter)subjetivo no próprio processo de pesquisa (Cassandre; Thiollent; Picheth, 2016).

Em seu fundamento dialógico, a Psicologia Cultural igualmente propõe que toda pesquisa tem um caráter interventivo, provocativo, mobilizador e transformador, processos esses que ocorrem como efeito de tensões dialógicas, intrínsecas a toda relação humana (Valsiner, 2018). Assim como enfatizam Volóchinov (2018) e Simão (2010), a natureza dialógica e o encontro com a alteridade possibilitam contradições que, ao criarem tensões e conflitos, dão lugar a questionamentos e à produção de novos significados.

Com base nesses princípios, foi conduzida uma pesquisa-intervenção com oito agentes socioeducativos de uma Unidade Atendimento Socioeducativo do Distrito Federal, no ano de 2019, com o objetivo de compreender o processo e colaborar com a revisão de valores e crenças explicitadas nos processos laborais experimentados no cotidiano de uma unidade de internação para adolescentes, em que se sobressaíam indicadores de preconceito, desvalorização do adolescente e baixas expectativas sobre o impacto da socioeducação na transformação de suas projeções de futuro. Como efeito, havia constantes tensões e conflitos entre agentes socioeducativos e adolescentes, enfrentados por meio de dispositivos cada dia mais severos de controle e disciplina dos corpos dos últimos.

De acordo com Simão (2010), o potencial inovador do conflito advém, sobretudo, do reconhecimento do outro como alguém que desencadeia discrepâncias e desencaixes na visão de mundo do sujeito. Isso ocorre especialmente quando este apresenta um nível elevado de coerência em sua relação eu-mundo. Segundo Hermans, Kempen e Van Loon (1992<sup>6</sup> *apud* Andacht *et al.*, 2020, p. 05), “a inovação surge quando há um movimento complementar entre acordo intrassubjetivo e desacordo intersubjetivo”. Esse processo ocorre, segundo os mesmos

---

<sup>6</sup> HERMANS, H. J. M.; KEMPEN, H.; VAN LOON, R. J. P. The dialogical self: beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, v. 47, n.1, p. 23-33, 1992.

autores, na medida em que o eu precisa reelaborar suas concepções para poder lidar com as discrepâncias produzidas pelas intervenções do outro.

Na pesquisa-intervenção referida, o conflito entre perspectivas divergentes, que é uma tônica da atuação profissional dos agentes, foi intencionalmente incorporado na condução dos encontros. Assim, quando tensões se estabeleciam entre os participantes, no lugar de aquietá-las, silenciando-se as partes, buscou-se justamente favorecer o diálogo valorizando as divergências e, indiretamente, ofertando-lhes alternativas de ação em seus próprios espaços de trabalho. Nessa tarefa, os dispositivos mediacionais, como as crônicas, foram de grande auxílio. As crônicas consistiram em uma narrativa multivocal, que buscava contemplar a multiplicidade de visões representadas pelos participantes do grupo, em relação ao trabalho no campo da socioeducação, aos colegas de trabalho e aos adolescentes atendidos. Esta característica lhes conferiu um potencial importante, ao mobilizar incertezas e inquietações, favoráveis à mudança subjetiva.

Portanto, a intervenção consistiu em um Curso de Extensão para agentes socioeducativos, com o objetivo principal de conhecer, problematizar e transformar o sistema de crenças desses profissionais, particularmente sobre os fenômenos que os interpelam no cotidiano do trabalho em unidade de internação (Cunha, 2021). Os participantes atuavam, à época da pesquisa, em uma mesma unidade de atendimento socioeducativo do Distrito Federal e eram graduados em diferentes áreas (Direito, Serviço Social, História, Administração e Pedagogia, Informática, Biologia, Psicologia e Processos Gerenciais), com no máximo dois anos de experiência no cargo. O curso compreendeu 20 encontros de 3 horas de duração cada um, perfazendo um total de 60 horas.

Além das crônicas, que integralizaram um total de 15 ao longo da pesquisa-intervenção, foram adotados alguns dispositivos favoráveis à dialogia e à reflexão conjunta, tais como: construção de mandalas; análise e reelaboração de minuta do edital do concurso público para provimento de vagas e formação de cadastro reserva para o cargo de agentes socioeducativos; leitura de livros e textos; discussão de casos; uso de instrumento figurativo; relatos de práticas; questões orientadoras para a auto e heteroavaliação; exposição de experiências exitosas; depoimento de egresso do sistema socioeducativo; elaboração de projetos de intervenção; resposta a instrumento de avaliação final do curso; estímulo à inscrição de trabalho e acompanhamento da redação de uma proposta de fala para o II Simpósio Nacional de

Socioeducação; elaboração colaborativa de um relatório descritivo analítico final para os gestores da Unidade. Todas essas estratégias foram implementadas visando ao compartilhamento de histórias de vida, sentimentos, valores e crenças associados à socioeducação.

Os indicadores empíricos foram interpretados qualitativamente ainda durante a intervenção, desdobrando-se em três etapas de análise complementares: 1) transcrição do material audiogravado<sup>7</sup>, 2) elaboração de crônicas e 3) mediação do processo grupal. Buscou-se responder ao longo dessa pesquisa duas perguntas predefinidas: *o que* deve ser trabalhado em um Curso de Formação de Agentes Socioeducativos e *como* esse conteúdo deve ser abordado. Este artigo, entretanto, não tem como foco de análise as respostas construídas para essas questões. Aqui, objetiva-se explorar o papel que as crônicas assumiram no decorrer do processo.

Portanto, embora tenham integrado o método da pesquisa, cujos indicadores empíricos foram tomados como exemplo do que se buscou analisar neste artigo, aqui as crônicas serão abordadas na seção resultados. Essa escolha justifica-se na relevância que tal recurso adquiriu no decorrer do processo de pesquisa. Mais que uma ferramenta de devolução do que acontecera no encontro anterior, a crônica assumiu um papel relevante para alcançar os objetivos pretendidos no curso de extensão adotado como estratégia da pesquisa-intervenção. Assim, serão analisados, a seguir, o formato, o conteúdo e as funções da crônica em um processo de pesquisa-intervenção comprometido com a formação continuada de profissionais da socioeducação.

## Resultados

Busca-se, aqui, elucidar a função desempenhada pelas crônicas na construção de indicadores empíricos a partir da intervenção. A crônica foi pensada como alternativa metodológica contrária ao paradigma técnico-instrumental de formação profissional, segundo o qual as práticas de qualificação profissional são concebidas e geralmente realizadas sob

---

<sup>7</sup> A gravação em áudio dos encontros foi consentida pelos participantes, o que se deu pela assinatura em duas vias de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme estabelece a Resolução 510/2016 (Brasil, 2016) do Conselho de Ética e Pesquisa do Ministério da Saúde que rege pesquisas com humanos. Além disso, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (CEPCHS-UnB).

encomenda das instituições, conforme uma lógica vertical e um modelo monológico de condução do processo (Schön, 1983). Como salientam Mendes, Pezzato e Sacardo (2016), intervenções metodologicamente estruturadas, de modo a oferecer ferramentas reflexivas e dialéticas e análises parciais aos participantes, proporcionam maior implicação de todos os envolvidos e reciprocidade nas relações entre facilitadores e atores. De fato, as crônicas foram um importante dispositivo de mobilização e engajamento do grupo, com desdobramentos no curso da conversação entre participantes durante todo o encontro.

O foco de cada crônica era compreender os aspectos centrais no transcurso de cada um dos 20 encontros promovidos ao longo da pesquisa-intervenção. No início de cada sessão, a crônica elaborada pela primeira autora, com base nos acontecimentos do encontro anterior, era lida e discutida, instigando os participantes a refletirem dialogicamente sobre sua condição de agentes socioeducativos. Buscou-se desvendar fragilidades, conhecer estigmas e preconceitos, desvelar campos de tensão, bem como dar visibilidade às potencialidades e às práticas exitosas.

### **Formato e conteúdo das crônicas<sup>8</sup>**

Quanto à forma e ao conteúdo, via de regra, as crônicas eram iniciadas com uma breve descrição do clima inicial do grupo no encontro a que se referia:

O terceiro encontro do Curso de Extensão ocorreu no dia 13 de junho de 2019 e contou com a participação de 7 agentes socioeducativos. Em clima de descontração, o grupo aconselhou a adoção de algum texto, ou uso de plataforma virtual, em substituição à quinta feira seguinte, que coincidiria com um feriado. Esse aspecto foi retomado ao término do encontro, ocasião em que ficou acordada a leitura do livro de Foucault – Vigiar e Punir (Crônica do 3.º encontro).

Em seguida, o texto da crônica procurava recuperar a trajetória do encontro, dando ênfase aos episódios, cujos conteúdos suscitaram maior mobilização (inter)subjetiva nos envolvidos, como este episódio que fala de falhas na comunicação institucional:

Enquanto o encontro aqui retratado ocorria, jovens de outra unidade de atendimento socioeducativo foram levados para a Unidade, para jogar futebol

---

<sup>8</sup> Neste artigo, foram acrescentados aos fragmentos das crônicas apresentados apenas os codinomes escolhidos pelos participantes para referendar as falas transpostas no texto.

com os internos, sem que os agentes soubessem de nada. Isso, na perspectiva dos participantes, configurava um descaso para com os agentes, de quem depende a segurança de todos no sistema. “Como a gente ia saber disso, gente! Eu estou sabendo agora! Imagina a gente na portaria, chegam esses meninos, a gente não está nem sabendo” (Morgana). (Crônica do 4.º encontro).

Também eram incluídos nas crônicas reações e questionamentos diante de enunciações pungentes, apresentadas no encontro nela retratado, que mereceriam se converter, posteriormente, em objeto de análises mais aprofundadas. No 5º encontro, por exemplo, os participantes destacaram alguns projetos de natureza pedagógica que são desenvolvidos na unidade, como a mala de livros, possível graças ao deslocamento de um agente socioeducativo para atuar na biblioteca. O caso suscitou intenso debate e foi assim retratado na crônica:

Essas considerações sugerem uma fragilidade quanto ao que compete a cada equipe do sistema. Afinal, de quem deve ser o compromisso das ações socioeducativas em seus diferentes níveis e dimensões? Dos especialistas, dos professores, ou dos agentes socioeducativos? Esse debate recupera a importância da organicidade, integração e articulação de todos os profissionais que integram o sistema. Não obstante, os participantes parecem cômicos da necessidade de superação do caráter correccional-repressivo e assistencialista, das políticas de atendimento anteriores à atual legislação, mas ainda presentes no cotidiano das Unidades de Internação Socioeducativa. Entretanto, não se percebe consenso quanto à distribuição e assunção dos serviços que o novo modelo sugere. “É um absurdo você tirar um agente e botar dentro da biblioteca. É desvio de função. Não pode.” (Morgana). (Crônica do 5.º encontro).

Em distintas oportunidades, reflexões conceituais e teóricas compuseram as crônicas, visando agregar novos ângulos de visão aos agentes socioeducativos. Na crônica sobre o encontro que tratou da abordagem da adolescência pela psicologia, lê-se:

Os agentes foram convidados a compreender a adolescência e o adolescente a partir de uma análise dos valores e dos processos de normatização de suas características, condições físicas, modos de se expressar e se colocar no mundo, lembrando que os marcadores (pontos de transição) são idiossincráticos, mas, ao mesmo tempo, dialogam com os pontos de viragem culturalmente estabelecidos e com os significados compartilhados sobre a passagem pelos distintos ciclos da vida (Oliveira; Rego; Aquino, 2006). (Crônica do 6.º encontro).

Palavras de incentivo eram acrescentadas às crônicas não apenas como reconhecimento dos movimentos e transformação em curso no grupo, mas também como forma de impulsionar os

participantes para analisar seus valores, revisar seus posicionamentos e de suas relações com o trabalho, o que se começa a identificar, em especial, a partir do 5.º encontro:

Considerando a coragem do grupo de entrar em contato com algumas das contradições do próprio sistema socioeducativo, de modo análogo ao que foi dito no parágrafo anterior, questiona-se se os participantes deste curso têm conseguido reunir forças para responder aos desafios que os interpelam em seu cotidiano de trabalho e conduzir movimentos de transformação, disseminação e fortalecimento de princípios e ideias mais congruentes com o ideário da socioeducação. Afinal, aqui se tem um pequeno coletivo, que optou por fazer uma pausa para contemplar as relações com o trabalho sob outra perspectiva: suspendendo-se do cotidiano (Heller, 2016). (Crônica do 7.º encontro).

Considerando o caráter dinâmico e não linear das forças experimentadas no grupo, bem como o enfoque dialógico do processo de formação e desenvolvimento profissional, posicionamentos divergentes também eram valorizados nas crônicas, como ilustra o fragmento a seguir:

Interpelados quanto a quem trabalha com a família, o grupo respondeu: “Ninguém” (Morgana). Porém, um dos integrantes questionou: “Se a gente ficar nesse círculo vicioso, a gente vai voltar na mesma conversa: O Estado foi ausente porque não cuidou dessa mãe. Aí, o Estado é ausente porque não cuidou do filho...” (Luther). Frente a esse posicionamento, outra participante ressaltou: “Não! Questionando isso, a gente muda o nosso olhar pra essa mãe. Quando ela for lá na Unidade, eu mudo a forma como eu vejo ela. Não que eu vou resolver esse problema, mas questionar isso pra mim, faz eu mudar meu tratamento com ela, com a família” (Morena). Esta última fala sinaliza entendimento de que responsabilizar não é nem vitimizar, nem condenar. É convocar o outro, com respeito, considerando a força do campo afetivo-semiótico, a rever seu papel perante os processos de desenvolvimento dos sujeitos que estão sob sua responsabilidade, no caso, do adolescente internado (Crônica do 7.º encontro).

Outrossim, como dispositivo de condução do curso, a crônica atualizava os processos e os compromissos assumidos por cada participante ao longo de sua duração:

Embora o grupo estivesse envolvido com os fenômenos postos em diálogo, foi necessário, por parte da facilitadora, interpor à reflexão esclarecimentos sobre o trabalho final do Curso, pois uma das participantes havia comentado que sairia mais cedo. Esclareceu-se que as ações não precisam se voltar exclusivamente para os adolescentes. Podem se dirigir aos demais profissionais

e às famílias, por exemplo. O grupo demonstrou interesse na proposta, apresentando algumas ideias para construção do projeto (produto final a ser apresentado no Curso). [...] Ficou evidente um interesse comum em colaborar com o desenvolvimento dos adolescentes e com a desconstrução da cultura carcerária ainda vigente no sistema socioeducativo (Crônica do 8.º encontro).

Conforme ilustram alguns dos fragmentos de crônicas aqui resgatados, esses textos compreendiam produções multivocais, nas quais a subjetividade da autora (facilitadora do Curso) alinhava-se às subjetividades dos demais participantes do grupo. Talvez em função desse modo articulado de produzir significados sobre o encontro é que os agentes se diziam, com frequência, bem representados pelas crônicas. Ainda que elas viessem carregadas de enunciações difíceis de serem admitidas, não houve, por parte dos agentes, nenhuma restrição ou recomendação de mudança ao que havia sido escrito.

De acordo com Bakhtin (2011, p. 317), o pensamento “nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento”. Além disso, “a palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra. A palavra do outro deve transformar-se em palavra minha-alheia (ou alheia-minha). Distância (exotopia) e respeito. O objeto se transforma em sujeito (em outro eu)” (Bakhtin, 2011, p. 386).

### **Funções operadas pelas crônicas no curso da intervenção**

À luz dessas considerações, compreende-se que as crônicas, construídas com base em narrativas produzidas a partir da interação verbal dos participantes, investia-os de autoridade, tornando-os, nesse sentido, base para criar novos enunciados. Nessa cadeia de criação e revisão de sentidos, as crônicas tornaram-se um recurso pelo qual os agentes tinham a oportunidade de dialogar com o outro e com eles mesmos. De fato, a apresentação de fragmentos de falas dos participantes nas crônicas foi intencional. Almejava-se oportunizar ao grupo uma nova mirada aos sentidos construídos por cada membro na situação comunicativa original. Assim como uma citação de um autor é para a obra científica, os enunciados transcritos na crônica representavam os posicionamentos do participante, contribuindo dialogicamente para revisar os campos semióticos que os sustentavam. Nessa direção, uma análise transversal da transcrição dos 20

encontros e respectivas crônicas permitiu identificar cinco principais funções que as crônicas cumpriram no processo de desenvolvimento e formação profissional proporcionado pela pesquisa-intervenção. Foram elas: 1) Dispositivo de memória – recuperar a memória do grupo sobre o encontro anterior; 2) Dispositivo de autorregulação – apontar questionamentos favoráveis à revisão e à ampliação dos recursos subjetivos de cada participante; 3) Dispositivo pedagógico – agregar conhecimentos teóricos e competências analíticas aos participantes; 4) Dispositivo de mudança cultural – valorizar posicionamentos divergentes, tomando-os como parte do processo de revisão das crenças, concepções e relações no contexto objeto da intervenção; e 5) Dispositivo comunicacional – elucidar aspectos implícitos ao processo comunicacional, melhorando a qualidade da comunicação no grupo.

Para ilustrar as funções supracitadas, foram recuperados fragmentos das transcrições dos encontros, pois, além das crônicas propriamente ditas, as repercussões subjetivas que sua leitura provocava nos participantes é que permitiram identificar tais funções.

No que se refere ao papel das crônicas como *dispositivo de memória* grupal, um dos participantes comentou:

*Primeiro, parabéns pela crônica! Ficou perfeita. Só que tem um ponto anterior dessa crônica, que coaduna com essa questão. A questão da responsabilização. A gente falou na semana passada sobre a responsabilização e eu percebi na fala de alguns de nós, assim, o que já acontece na nossa sociedade. É um fenômeno moderno, né. É... a gente não responsabiliza o adolescente (Luther, 30/05/2019, 1.º encontro).*

O enunciado resgatado demonstra que a crônica permitia aos participantes entrar em contato com o que havia sido construído no encontro anterior, colaborando, desse modo, com o desenvolvimento do diálogo. Em se tratando de um curso de formação profissional, considera-se esse cuidado como essencial, posto que os processos de reconhecimento das crenças, sentimentos, práticas laborais e relações socioprofissionais podem resultar em repetições, paralisações, interrupções e fugas. Conforme defende Peirce (1877/2024), os sistemas de crenças são inclinados à repetição, à conformidade e à estabilidade.

Segundo Saint-Laurent *et al.* (2017), formas particulares de narrar o passado podem ser usadas como ferramentas de mobilização destinadas tanto a informar o presente, quanto a reivindicar diferentes direitos e perspectivas a serem alcançados no futuro. Nesse caso, o

objetivo da pesquisa-intervenção levou à adoção intencional de uma forma descritivo-analítica de retratar, nas crônicas, os sentidos elaborados no encontro anterior àquele no qual ela era lida. Almejava-se não apenas conhecer, mas também rever aquilo que se mostrava incongruente com os princípios do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Brasil, 2012).

*Pesquisadora: O que vocês acharam da crônica, do que foi acentuado?*

*Luz: Então, desde que a gente está... que a gente começou esse Curso, a gente fala muito dessa questão... Socioeducação, porque ali, a gente vê muito essa questão operacional, da cadeia, da questão da segurança. E, às vezes, a gente deixa de lado a questão da socioeducação. E, também que a gente não conhece a questão pedagógica. Quais são as competências que a escola trabalha, nesse sentido da socioeducação. Porque, às vezes, nós, como agentes, quando está lá na porta, a gente olha as aulas, assim, e não existe uma compreensão do nosso lado, o quê que o professor está trabalhando. Alguns a gente percebe, alguns professores a gente percebe que ele está tentando trabalhar a questão da dignidade, a questão da... de... de alguns valores com esses adolescentes. Mas alguns, a gente não consegue ver sentido (Luz, 29/08/2019, 13.º encontro).*

Além de exemplificar a relevância da crônica como dispositivo a serviço da memória do grupo, os enunciados acima, construídos no 13.º encontro, evocam a importância de se identificar o caráter irreversível do tempo, nos processos de desenvolvimento humano. Eles apresentam significados recuperados com insistência pelos agentes ao longo dos encontros, sugerindo, no entanto, uma recombinação semiótica vivida no âmbito das trocas intersubjetivas, em especial, as que foram possibilitadas pela leitura da crônica no início do encontro. Nesse nível microgenético, conforme denominam Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000), experimentado em um intervalo curto de tempo, os participantes resgataram vozes e significados de outros tempos até então responsáveis pela inteligibilidade conferida aos fenômenos que compareciam nos encontros, relacionados aos desafios e aos compromissos da socioeducação. Esta, no início do curso, foi por diversas vezes referida como algo externo à esfera de atuação dos agentes socioeducativos, sendo exclusiva responsabilidade dos especialistas e professores. Mas com o tempo, observou-se, por exemplo, que, ao utilizar a expressão “questão pedagógica”, a agente demonstra ter compreendido que o trabalho realizado no interior da escola é específico, diferente dos objetivos do trabalho da socioeducação como um todo, que, além de mais amplo, é responsabilidade de todos os profissionais que atuam no sistema.

Quanto à segunda função, *dispositivo de autorregulação*, observou-se que as trocas intersubjetivas estabelecidas no encontro eram, em grande medida, instigadas pelo que havia sido contemplado na crônica, como narrativa descritivo-analítica do encontro anterior. Assim, não apenas as questões elaboradas ao longo das crônicas serviam de gatilho para o diálogo do grupo, mas também as análises tecidas e as vozes resgatadas durante o debate em torno delas tinham grande repercussão subjetiva entre os participantes, proporcionando emergência de outros modos de ver o trabalho deles mesmos. Um exemplo disso se identifica pela reação de Fábio a um trecho da crônica referente ao 4.º encontro. Nesse episódio, o participante transita entre a primeira pessoa do plural (“a gente”, agentes socioeducativos com formação de nível superior, em que o discurso é endereçado para a Subsecretaria do Sistema Socioeducativo) e a primeira pessoa (eu, que se endereça para a autora da crônica), dando claros indicadores de reposicionamento:

*Eu acho que a questão da discricionariedade, retratada na crônica, a própria Secretaria abriu isso. Quando ela coloca a gente, um agente de nível superior, eu não quero um agente que só tranque e feche cadeado. Para que eu quero nível superior? Para trancar e fechar cadeado? (Luz: “Isso!”) É alguém para poder pensar melhor, tem que articular melhor, dialogar melhor. [...] quer um trabalho mais discricionário, mais abrangente (Fábio, 04/07/2019, 5.º encontro).*

Além disso, a crônica funcionou como *dispositivo pedagógico*, aqui tomada como terceira função das crônicas, ao mediar aprendizagens a respeito de fenômenos abordados no decurso do processo, como ilustra o enunciado a seguir: “É muito bacana como você sintetiza a nossa fala e enquadra com teorias. Teorias que já tratam das questões” (Ravena, 25/07/2019, 8.º encontro). No 9º encontro do grupo, a crônica se referiu ao círculo perverso da institucionalização compulsória estimulada pelos códigos de menores de 1927 e de 1979, algo que havia sido mencionado no encontro anterior. Um agente expressou ressignificação quanto ao que antes pensava sobre o adolescente que delinuiu, mediada pela leitura:

*E a outra coisa que eu grifei (referindo-se à crônica lida) foi em relação a essa questão da desconstrução da cultura carcerária. É... eu tava vendo uns vídeos na semana passada, muitas pessoas discordam desse tipo de vídeo, estava no youtube, que eram algumas entrevistas com esses grandes marginais, aí, o Fernandinho Beiramar, o Marcola, o maníaco lá de Goiânia, que matou aquelas*

*36 mulheres, 42, sei lá, e eu tava vendo a entrevista com eles. E... lá você percebe que a gente não lida com bandido. Infelizmente essa é a realidade, a gente não lida com bandido. Eles (os adolescentes) podem ser qualquer coisa, mas bandido eles não são não. Bandidos são aqueles lá, né? Porque você percebe que a cabeça deles, aqui, é completamente diferente da mentalidade daqueles, sabe? Eles são muito mais articulados. Eles são muito mais conectados com a realidade. Eles sabem realmente o que eles fizeram, as consequências do que eles fizeram e o que fazer pra que isso não se repita. Então, assim, infelizmente, eu vou ter que discordar da minha posição anterior, né? Eles realmente não são bandidos. A cabeça deles ainda está completamente em construção e eles não têm a menor noção do que eles fazem na rua e do que eles estão fazendo. Noção tem, porque eles fazem aquilo ali de forma consciente, mas assim, eles não entendem a completude, sabe? Parece que eles só enxergam um aspecto dos atos infracionais que eles cometem e quando a gente fala em desconstrução da cultura carcerária, eu acho que passa muito por isso, da gente entender a cabeça desse menino pra saber como lidar com ele e a gente não tá fazendo isso de nenhuma forma e é muito triste ver isso, é muito triste porque a gente implementou essa cultura carcerária, mas eles não são presidiários, eles não são bandidos (Luther, 01/08/2019, 9.º encontro).*

Esse participante havia apresentado, nos primeiros encontros da pesquisa-intervenção, posicionamentos que atritavam com os princípios da ação socioeducativa. Ele concebia o ato infracional pelo viés ontológico, segundo o qual o delito reflete uma falha moral de seu autor, visto por ele como um vilão que merece ser condenado e punido. Transcorridos nove encontros, o agente, também mobilizado pelas crônicas, sugeriu ter revisto suas concepções e seus afetos em relação ao adolescente, resultando em importantes indicadores de mudança. Concluída a pesquisa, o agente assumiu a coordenação de um projeto de revitalização das dependências físicas da Unidade em que trabalhava, envolvendo os jovens no projeto. Superando posicionamentos dominados pela contenção física e pela punição do adolescente, o participante assumiu intencionalmente novas atuações que refletem um caráter efetivamente educativo, convergente com os princípios pedagógicos da socioeducação.

De acordo com Branco, Freire e Roncancio-Moreno (2020), o confronto com a alteridade gera a necessidade de construir acordos, que podem, por sua vez, provocar tensão e levar à emergência de novas posições nos envolvidos. As crônicas, nesse sentido, parecem ter exercido esse papel alteritário, provocando a revisão de posicionamentos, sobretudo quando interpelavam os participantes a partir de considerações conceituais e teóricas sobre os fenômenos retratados no âmbito do curso. Além das vozes dos próprios participantes, as crônicas acrescentavam vozes de outros personagens da socioeducação, incluindo a de autores

de referência sobre o assunto. Ao fazer isso, elas criavam um contexto dialógico instável que parece ter colaborado com o que Valsiner (2018) denominou de escalada mútua, processo pelo qual as posições de *self* se expandem, segundo os significados produzidos, sem, contudo, promover transformações expressivas.

Justamente porque valorizava e respeitava a polifonia do grupo e as tensões dialógicas inerentes à atividade semiótica intrapessoal e interpessoal, as crônicas tiveram um potencial importante quanto à identificação dos posicionamentos de *self* por parte dos agentes, como ilustram os diálogos estabelecidos no 10.º encontro:

Luther: Eu percebi uma coisa, além de eu falar muito “né” (risos), eu percebi que a minha opinião, pelo menos a minha, em particular, ela vai e volta muito, ela vai e volta muito, eu não, eu não tinha percebido até a leitura da crônica (risos). *Sério é...*

Morena: *É mesmo.*

Luther: *Então eu tenho tanto conflito em relação a esses meninos, porque eu não sei, eu acho que acontece uma coisa, a minha cabeça muda, acontece outra, minha cabeça muda de novo. [...] Depois que eu fiquei sabendo desse menino, sabe aquela raiva que eu tinha do início do curso?*

Ravena: *Voltou!*

Luther: *Voltou todinha, voltou todinha, infelizmente voltou sabe, é o mesmo sentimento.*

[...]

Luther: *Mas a crônica hoje me deu um desesperozinho.*

Morena: *Por quê?*

Luther: *Porra! Porque eu tava de um jeito e hoje eu tô de outro completamente diferente. Uma semana cara, uma semana... (08/08/2019, 10.º encontro).*

Volóchinov (2018) enfatiza que os sujeitos constituem seus discursos por meio das palavras alheias, as quais, ao se converterem em tema de atenção, ganham significação em seu discurso interior, gerando, simultaneamente, réplicas ao dizer do outro, que, por sua vez, vão mobilizar o discurso desse outro, e assim sucessivamente. As crônicas compuseram as relações interpessoais vivenciadas no grupo como mais um enunciado a partir do qual os participantes podiam se conhecer, entrando em contato com suas próprias contradições.

As crônicas foram um recurso intersubjetivo importante de organização dialógica das vozes. Por elas foi possível valorizar posicionamentos divergentes, tomando-os como parte do processo de revisão das crenças e das relações experimentadas no trabalho, visando à integração e à mudança de posições. Essa potência da crônica foi tomada como sua quarta função, aqui

denominada de *dispositivo de mudança cultural*, lembrando que a cultura coletiva não se dissocia da cultura pessoal. Reflexões favoráveis à mudança de posicionamentos por parte do agente podem culminar com pequenas transformações do ambiente de trabalho.

*É... rapidão. Só sobre a questão da crônica aqui que eu achei bem interessante, até destaquei no parágrafo que fala: Análise das nossas respostas, que é a análise das nossas respostas, daquele questionário (né?)* *Aí, na última pergunta aqui vocês trabalharam a questão das qualificações necessárias (né?)* *E, assim, muito me impressiona o fato dessa mudança (né?). De vocês terem percebido essa mudança no grupo (né?)* *Eu mesmo, estou bastante impressionado com a minha própria mudança, porque no início, quando eu fiz aquele edital, eu coloquei assim, as características completamente o que eu vejo hoje como um perfil operacional (né?)* *Não coloquei nada relacionado a emocional, nada nesse aspecto. [...] Então, assim, eu vejo como uma mudança muito positiva. Eu acho que eu tenho muito que trabalhar, ainda. Acho que, como todo mundo (né?), mas da minha parte fico muito feliz com essa mudança, muito feliz. Só queria destacar isso, só! [...] Hoje eu invisto mais na conversa com os adolescentes (Luther, 29/08/2019, 13.º encontro).*

Moraes (2022), ao discorrer sobre a crônica jornalística, defende que esse gênero textual envolve um narrador, cuja percepção deve ser atenta e sensível para identificar acontecimentos e situações cotidianas que sejam ou possam se tornar significativos. Para a autora, isso exige, do cronista, ousadia, capacidade de capturar a emoção e despertar a admiração do público pelo texto e pelas ideias defendidas. O depoimento de Luther (29/08/2019) sugere que esse movimento da crônica em direção ao leitor produziu nele um impacto emocional, não se limitando a uma mera transmissão de informações, o que, por sua vez, contribuiu para revisar a cultura pessoal dele.

Por fim, quanto ao papel da crônica para *elucidar aspectos implícitos ao processo comunicacional*, embora tenham sido várias as repercussões subjetivas que levaram a identificar essa quinta função, aqui será retomado um enunciado ocorrido no 13.º encontro que aclara essa análise:

*Pesquisadora: E, aí? Mais algum comentário sobre a crônica, gente?*

*Ravena: Ah! Eu achei curioso aqui. Vocês pegaram tudo o que nós pusemos (né?) sobre o quanto ao... o que nós estamos fazendo, o que está dando certo, eu fiquei surpresa, assim, elas casavam (né?) elas se complementavam, né? Mas, agora tem outras, assim, que eu nem... nem imaginava que seria posto [...] E, que bom que parece que... que todo mundo (né?) se propôs a fazer uma coisa,*

assim, estar na busca de... dessa qualificação, que está melhorando (né?) *todo mundo conseguiu sinalizar aí coisas que queria fazer*. E como tem coisas que a gente queria fazer e que aparentemente dá sim, tem embasamento teórico, embasamento legal para se fazer e ainda não estava sendo feito (né)? Estava no campo das ideias, (né?) *das intenções* (inaudível). (Ravena, 29/08/2019, 13.º encontro).

Na crônica, objeto do comentário da agente, foram retratadas respostas que os participantes construíram diante de três questões de autoavaliação e uma questão que solicitava a avaliação do colega de trabalho, apresentadas na forma de um questionário. Nesse caso, em particular, além dos aspectos escritos no questionário entregue aos participantes, a crônica incorporou o diálogo desencadeado pelo instrumento, com as lentes voltadas para análise da atividade semiótica interpessoal. Ao fazer isso, ela parece ter contribuído para a tomada de consciência de aspectos tácitos e relevantes para redirecionar o trabalho socioeducativo.

Moraes (2022) denomina de “olheiro”, a capacidade que autores de crônicas jornalísticas devem apresentar para facilitar, pelo texto, a adesão dos leitores. Nesse caso, em se tratando de crônicas construídas com a intencionalidade de provocar reflexões, mudanças de posicionamentos, revisão dos sistemas de crenças, a crônica deve mesmo *elucidar aspectos implícitos ao processo comunicacional*. Estes, em geral, comportam contradições e incongruências que merecem a atenção dos envolvidos no processo, sejam eles o autor da crônica, ou os interlocutores para quem se escreve.

### Considerações finais

O presente texto teve como objetivo oferecer uma reflexão teórico-metodológica sobre o uso da crônica como dispositivo de mediação em processos de formação profissional e pesquisa-intervenção. A análise evidenciou que as crônicas atuaram como registros subjetivos da intervenção, dentro de uma perspectiva narrativa, interpretativa e analítica. Elas funcionaram simultaneamente como uma “porta” que delimita certos significados, conferindo-lhes foco e estrutura, enquanto abre caminhos para novas interpretações e sentidos. Dessa forma, as crônicas possibilitaram uma articulação dinâmica entre os processos de reflexão crítica e a construção coletiva de conhecimentos, demonstrando seu potencial como ferramenta de

mediação que enriquece a formação profissional e promove diálogos entre teoria e prática na pesquisa-intervenção.

Além disso, elas demonstraram a importância da voz e a credibilidade do saber dos participantes em contextos de investigação e formação profissional, como condição necessária para se provocarem mudanças e desenvolvimento. Elas consubstancializaram o encontro estabelecido entre as alteridades que integraram a pesquisa, preservando o discurso do outro, mas também evidenciando suas repercussões subjetivas na pesquisadora (autora das crônicas) e demais membros do grupo.

Nesse sentido, na direção do que foi considerado a respeito da pesquisa-intervenção, as crônicas ilustram o movimento dialético de distanciamento-aproximação do pesquisador em relação ao objeto de estudo e em direção ao território do outro, sem o qual não seria possível a escuta da alteridade. Como propõe Bakhtin (2011, p. 320), “o enunciado está voltado não só para o objeto, mas também para o discurso do outro acerca do objeto” e é justamente aí que reside o caráter dialógico de toda pesquisa.

O exercício de elaboração das crônicas exigiu de sua autora imersão constante no processo de investigação, ou seja, frequente organização e análise dos significados construídos no decorrer dos encontros e das ferramentas mediacionais que deveriam ser adotadas para conduzir o processo. Por conseguinte, as crônicas viabilizaram uma dinâmica de retroalimentação entre intervenção e estudo, fomentando a reflexividade da equipe responsável por sua condução e a revisão dos fenômenos abordados ao longo dos encontros. Considerando que nem sempre é possível garantir a transcrição de materiais áudio gravados, sugere-se o registro contínuo das participações ainda durante os encontros promovidos ao longo do processo de pesquisa-intervenção e/ou formação profissional.

No que diz respeito aos efeitos do uso desse dispositivo mediacional nos processos de desenvolvimento e formação profissional intencionados, as crônicas permitiram aos participantes retornarem a enunciações anteriores em um círculo de construção de sentidos, pelo qual aspectos implícitos podiam ser incorporados ao intercâmbio comunicativo do grupo. Essa experiência semiótica foi relevante inclusive porque queixas de natureza aparentemente técnica podem expressar conflitos latentes nos modos de pensar, sentir e atuar do trabalhador, o que impõe, em se tratando de aperfeiçoamento profissional, revisar os recursos subjetivos a partir dos quais ele se relaciona com o trabalho. Ao cumprirem com as funções aqui analisadas,

as crônicas colaboraram com a adesão dos participantes e o consequente sentido de pertencimento ao grupo. Foram ferramentas semióticas importantes para o processo de reconhecimento e revisão dos sistemas de crenças, valores e posicionamentos dos agentes socioeducativos.

### Referências

ABREO, L. O. *Entre capturas e resistências: situações de saúde e adoecimento no trabalho de agentes socioeducativos*. 2017. 196f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ANDACHT, F.; MICHEL, M.; SÁNCHEZ, H.; SIMÃO, L. M. A meta-theoretical approach to the ontology of the self in dialogical psychology. In: LOPES-DE-OLIVEIRA, M. C. S.; BRANCO, A. U.; FREIRE, S. F. D. C. (Eds), *Psychology as a dialogical science: Self and culture mutual development*. Switzerland: Springer Nature Switzerland, 2020. p. 3-28.

CUNHA, G. G. *Formação e desenvolvimento do agente socioeducativo: um processo de revisão de campos afetivo-semióticos*. 2021. 228f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2011.

BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BONATTO, V. P.; FONSECA, D. C. Socioeducação entre a sanção e a proteção. *Educação em Revista* [online], v. 36, e228986, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698228986>

BRANCO, A. U.; FREIRE, S. F. D. C.; RONCANCIO-MORENO, M. Dialogical self system development: the co-construction of dynamic self-positionings along life course. In: LOPES-DE-OLIVEIRA, M. C. S.; BRANCO, A. U.; FREIRE, S. F. D. C. (Eds.). *Psychology as a dialogical science: Self and culture mutual development*. Switzerland: Springer Nature Switzerland, 2020. p. 53-72.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 24 maio 2016.

BRASIL. Lei Federal 12.594 de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). *Diário Oficial da União República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 19 jan. 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm). Acesso em: 10 out. 2023.

CASSANDRE, M. P.; THIOLENT, M. J. M.; PICHETH, S. F. Analizando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo. *Educação. Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 39, n. esp, p. 3-13, dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2016.s.24263>

CASTRO, L. R. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ. 2008. p. 21-42.

COSTA, A. C. G. *Socioeducação: estrutura e funcionamento da comunidade educativa*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006. Disponível em: <https://andi.org.br/documento/socioeducacao-estrutura-e-funcionamento-da-comunidade-educativa-guia/>. Acesso em: 10 out. 2023.

EYNG, A. M.; RAMOS, A. Narrativas de educadores da socioeducação: representações sociais sobre adolescência na tessitura do trabalho socioeducativo. *Rev. Diálogo Educ*, Curitiba, v. 20, n. 66, p. 1162-1184, jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.20.066.DS10>

FURLAN, P. G.; CAMPOS, G. W. DE S.. Pesquisa-apoio: pesquisa participante e o método Paideia de apoio institucional. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 18, p. 885–894, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0285>

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 11. ed. São Paulo: Paz Terra, 2016.

MENDES, R.; PEZZATO, L. M.; SACARDO, D. P. Pesquisa-intervenção em promoção da saúde: desafios metodológicos de pesquisar “com”. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.21. n.6, p.1737-1746, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.07392016>

MORAES, C. R. A. A crônica jornalística brasileira em João do Rio. *Revista Rua online*, Campinas - SP, v. 28, n. 1, p. 283-294, jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v28i1.8670298>

OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C.; AQUINO, J. G. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. *Pro-Posições*, v.17, n.2, p.119–138, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643631>. Acesso em 10 out. 2023.

PEIRCE, C. S. *A fixação da crença*. Popular Science Monthly, New York, v. 12. Tradução Anabela Gradim, p. 1-15, 1877. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8145677/mod\\_resource/content/1/peirce-charles-fixacao-crenca.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8145677/mod_resource/content/1/peirce-charles-fixacao-crenca.pdf). Acesso em: 1 set. 2024.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIN, K. S.; SILVA, A. P. S. Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação.

---

*Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.13, n.2, p.281-293, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000200008>

SAINT-LAURENT, C.; BRESCÓ, I. L.; AWAD, S. H.; WAGONER, B. Collective memory and social sciences in the post-truth era. *Culture & Psychology* 23, issue 2, p.147-155, 2017.

SANTIBANEZ, D. A. C. S. *Sujeição criminal e inclusão marginal no sistema socioeducativo: uma análise qualitativa das percepções de agentes no meio aberto e fechado*. 2016. 205f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SCHÖN, D. *The reflexive practitioner*. New York: Basic Books, 1983.

SIMÃO, L. M. *Ensaio Dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu outro*. São Paulo: HUCITEC, 2010.

TEIXEIRA, M. L.; MEZÊNCIO, M. S.; FUCHS, A. M. L. Desafios na educação do adolescente em cumprimento de medida socioeducativa: o papel do educador. Brasil, Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente. Coordenação Geral do Sistema de Atendimento Socioeducativo. *Matriz de formação do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE): Coletânea de artigos*. SDH. Brasília: UnB, 356p, 2015. p. 167- 200.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2020.

VALSINER, J. Temporal integration of structures within the dialogical self. In: MARSICO, G.; VALSINER, J. (Eds.). *Beyond the mind: cultural dynamics of the psyche*. Charlotte, North Caroline: IAP, 2018. p. 147-162.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

YOKOY, T.; LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S. Educadores sociais do sistema de medidas socioeducativas: Indicadores de formação e de desenvolvimento profissional. In: BISINOTO, C.; D. RODRIGUES, S. (orgs.). *Socioeducação: vivências e reflexões sobre o trabalho com adolescentes*. Curitiba: CRV. 2018, p. 153-165.

Submissão: 10.03.2023.

Aprovação: 06.09.2024.